

Ao longo da história da filosofia, as emoções foram quase sempre consideradas impeditivos ao bom raciocínio. Como na “parábola da biga”, no diálogo *Fedro*, Platão representava as paixões como um cavalo problemático que precisa das chibatadas do seu guia, o intelecto, para se conduzir tal como o segundo cavalo, o educado impulso racional, que se mantém diligentemente no caminho da busca pela verdade. E, assim, as emoções mantiveram-se apartadas da razão, como loucas desvairadas amansadas por um controle rígido, quase estoico, para não desorientar o espírito. Importantes exceções encontram-se no Romantismo, na Filosofia da Vida, no Pragmatismo e na Fenomenologia, pois as emoções e a afetividade em geral foram consideradas fundamentais na determinação da condição humana. Na Fenomenologia Hermenêutica, além disso, o encontrar-se sempre em afinações afetivas (*Stimmungen*) é considerado uma estrutura ontológica da existência humana, condicionando, inclusive, a intencionalidade de processos cognitivos de ordem superior. Não por acaso algumas variantes da cognição 4EA (*Embodied, Embedded, Enactive, Extended e Affective*) manifestam conexões históricas robustas com a Fenomenologia e com as obras de William James e John Dewey.

Mas, a partir da segunda metade do século XX, com o retorno dos estudos da mente e da cognição de humanos e animais, esse quadro começou a mudar. Um marco nessa mudança de paradigma acerca de como entendemos as emoções ocorreu com o acidente do operário Phineas Gage, em 1848, que atraiu, e ainda atrai, muitos pesquisadores durante anos. A estaca cravada no córtex pré-frontal de Gage não lhe levou a fala, nem seu raciocínio, mas tirou dele a capacidade de fazer boas escolhas. Descobre-se, então, que o córtex pré-frontal funciona como elo entre o raciocínio e as emoções, sem ele o indivíduo não consegue acessar as memórias emocionais, porque não pode contar com seu “kit sobrevivência”, extremamente eficaz para enfrentar os desafios que a vida nos impõe.

Um desses pesquisadores estudiosos do caso Gage é o neurocientista António Damásio, que através de seus estudos com pacientes neurológicos, compreendeu as emoções como marcadores somáticos de todos os nossos momentos para além do que podemos perceber. Elas teriam sido incorporadas evolutivamente ao nosso organismo por serem eficientes em nos proteger ao nos preparar para agir contra uma série de problemas colocados pelo ambiente. Sendo assim, elas estariam profundamente entrelaçadas à nossa cognição. Damásio vê fortes semelhanças entre algumas de suas ideias e as do filósofo holandês seiscentista Baruch de Espinosa, que concebeu sua teoria do conhecimento a partir dos afetos humanos. Acerca da relação entre os **afetos** e a **formação de crença** em Espinosa, Marcos Gleizer inaugura o nosso Dossiê.

Em seguida, entramos no debate da objetividade da ciência com Félix Flores Pinheiro ao examinar quais as possíveis relações entre as esferas da **afetividade** e **das medições**, o quanto que ambas se influenciam mutuamente. E aqui cabe um esclarecimento. Os termos afeto e emoção, em geral, como é o caso do artigo de Pinheiro, são usados de forma intercambiável, já em outros textos os afetos são tudo aquilo que sentimos, guardando mais proximidade com o conceito de sentimento.

A partir desse ponto, os artigos do Dossiê inserem-se numa tendência de estudos mais estritos a respeito de certas emoções. Letícia Bello e Flávio Williges aproximam-se das ideias de algumas filósofas que

reconhecem a **raiva** com uma emoção nobre, com papéis moral e político a desempenhar, em oposição a Martha Nussbaum para quem a raiva deve ser evitada em contextos sociais por seus efeitos contraprodutivos, por estimular a “violência e atitudes irracionais”.

Já Felipe Nogueira de Carvalho e Érico Andrade argumentam contra a percepção tradicional de antagonismo entre o **amor** e o conhecimento. Eles defendem, no âmbito da sociologia das emoções, a “força social coletiva” dessa emoção, que tem o poder de ligar os indivíduos a sua comunidade epistêmica, por intermédio de uma “busca constante do equilíbrio” entre as forças presentes. Os autores defendem o amor como uma “virtude intelectual responsabilista” que estimula o engajamento de membros mais confiáveis, capazes de respeitar os diversos pontos de vista acerca dos objetos de conhecimento.

Os sentimentos de **espanto e admiração** são abordados no artigo de Leonardo André Paes Müller, que examina a obra de Adam Smith. Tais sentimentos (emocionais, diríamos), segundo Smith, constituem-se em alguns dos “princípios gerais ordenadores da experiência”, capazes também de orientar a formação das teorias científicas. Paes Müller ainda defende a centralidade dos sentimentos morais na obra de Adam Smith.

O último artigo, porém, não último texto de nosso Dossiê, parte para o domínio da literatura com o apoio das teorias das emoções. A ideia dos autores Pedro Dolabela Chagas e Ayla Mello Batistela é realizar a análise literária do texto ficcional “Passeio noturno – Parte I” de Rubem Fonseca, concentrando-se nos aspectos emocionais dos personagens e nas estratégias textuais para provocar certos efeitos estéticos no leitor, mais estritamente, a emoção de **surpresa**.

O Dossiê Afetividade Epistêmica ainda conta com uma resenha e uma entrevista, ambas de dois expoentes do tema. A resenha do livro *Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces* (2014) de **Tonino Griffero**, escrita por Eduardo Adirbal Rosa, é uma grande contribuição para a divulgação do assunto dos “espaços emocionais” ainda pouco explorado. A entrevista “Emoções e epistemologia” feita por Mônica F. Corrêa com o filósofo **Paul Thagard** conta um pouco da sua trajetória até a sua concepção de “cognição emocional”.

Os textos publicados neste Dossiê mostram as diversas influências das emoções: na formação das crenças, na objetividade das medições, no engajamento moral e político, na coesão social, na ordenação da experiência, na construção das teorias científicas, na concepção de uma obra literária e na estratégia para provocar efeitos estéticos no leitor.

Esperamos que os trabalhos aqui apresentados possam contribuir com os estudos ainda incipientes no Brasil acerca do papel epistêmico das emoções. Boa Leitura!

Mônica F. Corrêa e Róbson dos Reis (editores convidados)